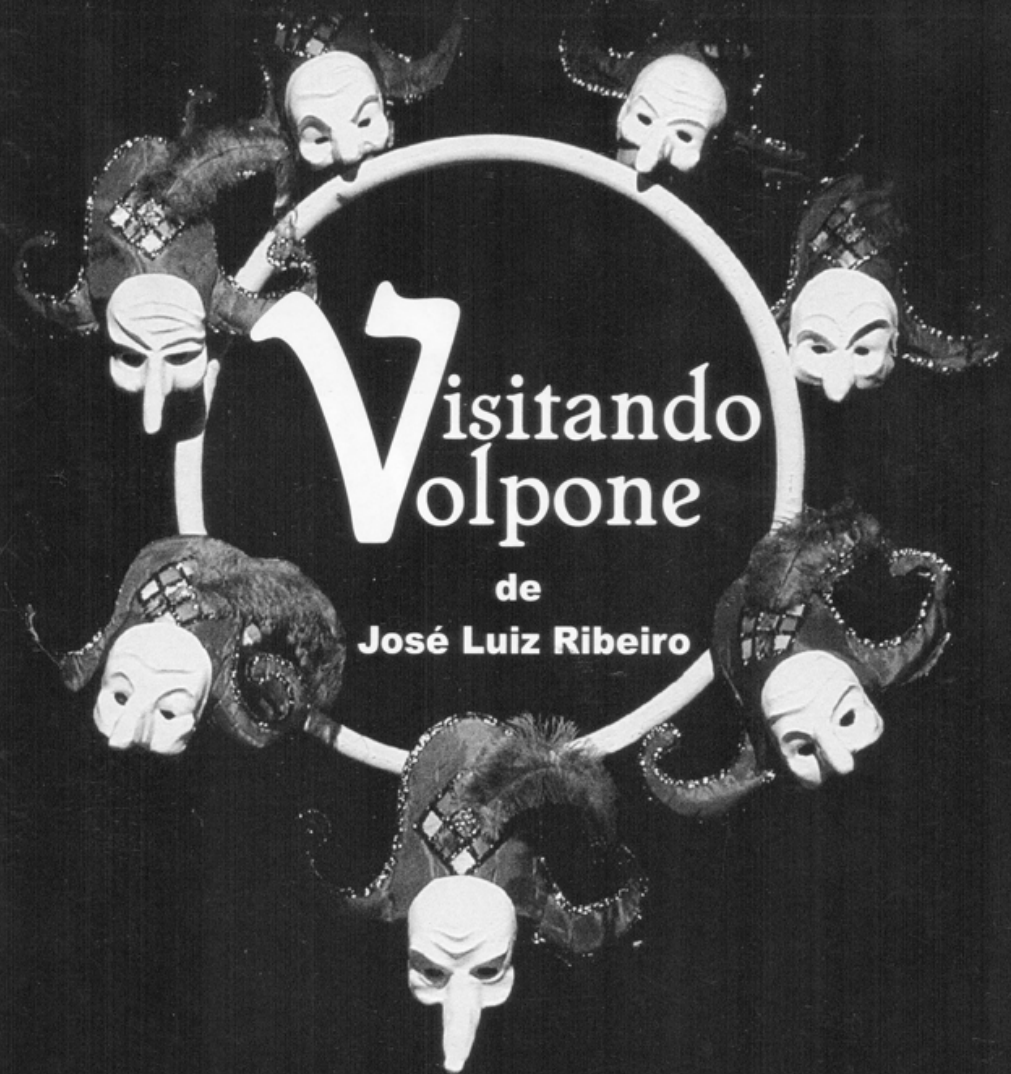


**GRUPO
DIVULGAÇÃO**



Visitando
Volpone

de
José Luiz Ribeiro

**CENTRO DE ESTUDOS TEATRAIS
GRUPO
DIVULGAÇÃO
2005**

Centro de Estudos Teatrais
Grupo Divulgação

39 anos de Teatro

apresenta



Forum da Cultura
2005

desvenda as armadilhas do futuro.

Mais uma vez o Grupo Divulgação traz a seu público uma reflexão para sugerir critérios de opções livres definidoras do rumo que os espectadores darão a suas vidas. Visitar *Volpone* é reler uma obra clássica revista pelo olhar contemporâneo.

Nessa concepção, inundamos o universo inglês com o clima dos comediantes da praça de S. Marcos. O tema de abertura traz a Itália, mais precisamente Veneza, ao imaginário do espectador. A comédia de máscaras, na qual cada homem representa um animal, permite mostrar a torpeza de maneira escancarada.

Volpone saúda o sol e profere uma oração pagã ao seu deus, o ouro, “elemento de transformação que confere aos homens força e poder”. Secundado por Mosca, um animal que pousa nos detritos e espalha a maldade, inicia um plano de engodo. A raposa vai fazer o corvo cantar e perder o queijo e seus bens materiais.

Após o primeiro ato passa-se à execução de um plano para aumentar a fortuna de *Volpone* com recursos ilícitos de doações que visam lucros futuros. E depois de muitos golpes chega-se à barra dos tribunais. O mar de corruptos deságua em ações ilícitas que, diante dos juízes, gera sentenças condenatórias. Pois no teatro e na fábula nem tudo termina em pizza.

Revisitando *Volpone*

Márcia Falabella

“Um diálogo com os mortos”. Assim o dramaturgo alemão Heiner Müller definia sua relação com temas e textos antigos que recorria para escrever suas peças. Do baú da memória emergem personagens, dramas, dores, amores, armações, situações e conflitos que atravessam o tempo para adquirir nova configuração, em novas montagens.

Na complexidade do jogo teatral que se organiza numa teia de tantos fios e nós, num labirinto de sentidos e numa infinidade de opções, ao escolher um texto como *Volpone*, de Ben Jonson, alguns caminhos se apresentam: fazer o espetáculo a partir da obra do próprio autor, buscando, inclusive, uma fidelidade aos padrões estéticos da cena da época, ou fazer uma adaptação ou mesmo uma reescritura da peça, buscando atualizá-la, revestindo o clássico com uma jovialidade que revigora sua força original.

Optar pela reescritura é dar liberdade ao dramaturgo de manobrar texturas, com a finalidade de atender a um tempo de grande dinamismo. Dessa forma, há uma reorganização narrativa que, muitas vezes, se articula a partir de cortes ou acréscimos de cenas, de personagens (bem como a troca de sexo, em função do próprio elenco) e de lugares, com o objetivo de traçar uma relação mais direta com os acontecimentos da atualidade.

Nesse sentido, a peça ganha contornos novos, emancipando-se do texto original e adquirindo autonomia própria, produto de um autor que inseriu ali sua própria vivência, em conexão com os objetivos e as características do próprio grupo, trabalhando num outro contexto cultural e lingüístico. É preciso ressaltar que, diante de uma sociedade fragmentada e de um público globalizado, impõe-se a necessidade de se escrever para o próprio tempo, numa tentativa de buscar o reconhecimento imediato e a compreensão instantânea.

No entanto, a essência do texto original pulsa ainda na cena que agora adquire vida no palco, através da montagem do Grupo Divulgação. E assim, o mecanismo brechtiano do *lá/então* em confronto com o *aqui/agora* faz com que *Visitando Volpone*, de José Luiz Ribeiro, retrate, a partir da história de Volpone, a falência ética e moral que vivenciamos em nosso dia a dia, sem massacrar ainda mais o espectador, mas dando a ele uma brecha para rir de sua própria desgraça e extravasar sua ira, a partir de uma visão sempre crítica.

Muitos dramaturgos, ao longo dos tempos, experimentaram o exercício da reescritura, dando novas perspectivas a velhas tramas e eternizando personagens como Antígona, Electra, Hamlet, em múltiplas encarnações. Assim, no palco como na vida, tudo se recria nessa ciranda mágica de contar e recontar. Dessa forma, o teatro comprova a máxima de que na natureza nada se cria, tudo se transforma.

Visitando a cena

Gustavo Burla

Da fusão de três elementos aparentemente distintos surge a cena de *Visitando Volpone*: a extensão da Praça de São Marcos levada ao teatro por um dramaturgo elizabethano e adaptada a um palco italiano.

Horizontalmente, a profundidade que o espaço inglês leva até o meio do público é suprida pelo uso de bandeiras e cortinas, sobrepostas em pontos distintos e identificando o tribunal, a casa de Volpone ou a praça veneziana. Enquanto os diferentes tipos de tecido, devidamente ornados, sobem e descem nos momentos propícios, ao fundo as janelas de influência árabe que embelezam a Europa mediterrânea dão terminalidade ao palco enquanto suas colunas e rosáceas emolduram o céu que se prolonga por um ciclorama com luzes azuis.

Diante das janelas, a passarela dá continuidade ao cenário, mostrando que existe sempre algo além do que o disposto diante do espectador, como cada personagem sabe apenas uma parte da trama e

desconhece como tudo aquilo vai terminar.

A verticalidade piramidal das escadas destaca Volpone, centro das atenções dos cobiçosos de Veneza, e enfatiza, no julgamento, a força superior dos juízes, arautos de uma justiça mascarada diante da retórica maquiavélica individualista movida por meios justificados pelos fins. Sem que percebam ser Volpone quem divide para reinar.

Ocultos sob máscaras, instrumento dependente da gestualidade do ator, os juízes vão da neutralidade à emoção, da condenação à revisão de sentenças, movidos por discursos inflamados de indivíduos que, ostentando postura e nome, solapam a verdade e a justiça.

Enquanto a incidência direta das luzes, brancas e sem filtros, parecem purificar a cena diante do público, atrás da cortina Volpone esconde a farsa e cada nobre de Veneza oculta, sob tecidos finos e ornados, uma estratégia para arrebatá-la herança do velho decrépito.

A leveza e as cores dos arlequins contrastam com a sobriedade e a densidade dos outros figurinos, equilibrando a mistura entre fantasia e realidade que se apresenta no espetáculo.

A herança elizabethana

Marise Mendes

Volpone, de Ben Jonson, é o ponto de partida para *Visitando Volpone*, e é considerada a mais perfeita comédia de caracteres do teatro inglês. Escrita em 1606, traz uma característica marcante da obra de Jonson: a sátira dramática

O teatro elizabethano, no qual se destacam as obras de William Shakespeare, Marlowe e Ben Jonson, representa importante gesto de transgressão explícita aos cânones clássicos, tornando-se difícil enquadrá-lo em qualquer modelo. Ainda que busque inspiração na Antigüidade, desata-se das amarras impostas, como a exigência da regra das três unidades aristotélicas. E vai além, ao diluir fronteiras entre o trágico e o cômico.

Assim, as personagens, ainda que guardem certos traços maniqueístas das alegorias medievais, começam a receber um desenvolvimento psicológico mais detalhado, configurando mais nitidamente o estatuto heróico, através da definição do protagonista e do antagonista. Além disso, há um destaque para as tramas envolvendo personagens populares, que afetam de perto o desenrolar da ação.

Se não há um rompimento definitivo com o teatro medieval, pelos resquícios da religiosidade e da moralidade, a busca por uma

linguagem mimética identifica os anseios do homem da Idade Moderna. É assim que a palavra recebe contornos diferenciais, ganhando a prosa o espaço das cenas cômicas, deixando ao verso o florescer do trágico.

A Itália, berço da Renascença, contribui para a estética teatral elizabethana, além de servir de contexto para seus dramas, como em *Volpone*. As personagens, personificando animais, desvelam vícios e virtudes. Como na *commedia dell'arte*, presente inclusive na trupe de atores, encontramos o velho mesquinho, o mercador interesseiro, o advogado espertalhão, além do criado responsável por boa parte da intriga, do galã e da mocinha ingênua.

A ação no teatro elizabethano está à mercê da palavra, especialmente para um público acostumado à cultura transmitida oralmente, e nos revela os meandros daquela sociedade, como Ben Jonson explicita com a corrupção envolvendo a alta burguesia veneziana.

Rompendo as amarras, o teatro elizabethano transcende seu tempo e fornece as bases para o melodrama e o drama romântico, com seus heróis oriundos da classe burguesa, mas com valores da nobreza. É a inspiração de seus autores legou à dramaturgia universal reflexos daquela sociedade, mas que ecoam em perfeita sintonia com o aqui e agora.

Divulgação: consciência de Grupo

Breno Fonseca

Depois de um final de semana inteiro no Forum da Cultura, às voltas com cenários, figurinos, martelos, linhas e agulhas, uma nova segunda-feira e mais uma semana de trabalho. O que une essas pessoas? Por que permitiram que o teatro invadisse suas vidas sem pedir licença, tirando-lhes todos os dias de casa, impondo-lhes disciplina, expondo-lhes sob as luzes da ribalta? Eis o pilar básico do Divulgação: consciência de Grupo. Fazer teatro de voluntariado depende de um trabalho árduo e persistente.

O Grupo Divulgação, em 39 anos de existência, vem para ensinar que é possível, sim, apresentar qualidade baseada na única e exclusiva dedicação de seus componentes. A eterna busca por um teatro que fale de seu tempo, do cotidiano de sua tribo, dos problemas de uma nação seria o norteador para a criação, por exemplo, do projeto Escola de Espectador, no sentido de levar cultura a crianças, jovens e adultos de baixa renda. Uma riqueza para quem faz teatro e para quem é cidadão. Aprende-se a lidar com todos os tipos de público. Talvez esse seja um grito mudo diante de uma sociedade onde indivíduos agem como se todos os dias do ano fossem sempre 1º de abril.

O Divulgação é refúgio, desaguar de emoções. É deixar que personagens sirvam de máscara. É a convivência diária, familiar, o respeitar alteridades. É abraçar uma causa, organizar Seminários, participar dos projetos de Terceira Idade e de adolescentes. É ouvir duras palavras, cobranças soando em seus ouvidos, corpo, gestos e voz. É descobrir que talento e vocação são objetos bem distintos. Porque se o cenário precisa sair do papel, tomar forma e ser erguido, o sonho cede lugar ao concreto.

As pessoas que subiram aquelas escadas durante meses, anos, décadas já haviam sentido e sofrido com o frio na barriga no primeiro dia de espetáculo, o estranhamento de regras, o afastamento da família. No entanto, aquela casa funciona como um ímã, onde choros e risos convivem paradoxalmente. Lágrimas escondidas. Risos, após aquela sensação deliciosa de dever cumprido, de fazer parte de uma história, de sentir o sorriso de uma criança no encerramento de uma peça infantil.

Diante das dificuldades da vida, o Divulgação transforma-se em lenitivo. O teatro torna-se uma doce prisão. Temporadas intensas encarceram-lhes a personagens, figurinos, companheiros de cena. Rostos que se perdem e se acham. Palavras soltas quando soa o último aplauso. O choro doído, amargo do último dia de espetáculo; o personagem desejado nas mãos de outro. Frustrações, dores... dissipadas quando a cortina, aberta, revelava a primeira risada da platéia.

O público fala sobre o Divulgação

“É um grupo que merece aplausos de todos.”

Edite Dutra Lima, funcionária pública.

“Desempenha importante papel na restauração e conservação da nossa cultura, oferecendo espetáculos de qualidade e acessíveis a todos.”

Nelmar Neponuceno dos Santos, estudante.

“Um grupo que produz peças de excelente qualidade a baixos preços. E desta forma contribui para democratizar a cultura num país tão necessitado.”

Aline Barreto dos Santos, economista.

“O grande Grupo Divulgação de Juiz de Fora. Sempre com bons textos e divertidas apresentações. Parabéns pelo projeto de popularização, agradecemos sempre.”

Gisele Maria Fraga, professora.

“O que seria de nós se não existisse o Grupo Divulgação? É o espetáculo mais fiel na nossa vida.”

Magali Costa Kiffer Maaldi, do lar.

“Grupo que há anos persevera divulgando, criando e fazendo arte. Parabéns!”

Aristides Julião Júnior, músico.

“Importante grupo que desenvolve a arte da representação com maestria: divertindo-nos, informando-nos e tornando-nos pessoas melhores.”

Kamila Tavares Neves, dentista.

“É um grupo que contribui muito com a cultura da cidade. Sem ele, Juiz de Fora seria menos”.

Regina Pessoa Azevedo, professora.

“É um grupo que leva alegria aos corações daqueles que têm o privilégio de ir ao teatro.”

Regina Maria das Neves Moreira, secretária escolar.

“O Grupo Divulgação significa trabalho, pesquisa, persistência, vibração, amor ao teatro e à vida.”

Joanita Teixeira Maciel Leite, aposentada.

“O Grupo é um dos cartões de visita de Juiz de Fora. Além disso, é um exemplo de como um trabalho contínuo pode frutificar.”

Samir W. Rahmer, médico.

“A iniciativa de se fazer um projeto de popularização é brilhante. Vemos que o teatro está deixando de ser uma coisa elitizada e grupo como esse colaboram, cada vez mais, para isso. É cultura ao alcance de todos.”

Guilherme Duarte da Silva Júnior, estudante.

“É excelente em apresentações de todos os estilos, sejam épicos, políticos, cotidianos, infantis...”

Carlos José pinheiro Amaral, operador de empilhadeira.

“Um trabalho de qualidade que contribui significativamente com o crescimento da cultura de Juiz de Fora.”

Maria Cristina de Mattos, engenheira.

“Promotor da cultura em Juiz de Fora”

Antônio Almeida, advogado.

Centro de Estudos Teatrais GRUPO DIVULGAÇÃO

apresenta

Visitando Volpone

de José Luiz Ribeiro,

Inspirado na obra de Ben Jonson

José Luiz

Márcia Falabella

Júlio Andrade

Gustavo Burla

Breno Fonseca

Marise Mendes

Leticia do Vale

Basileu Tavares

Fátima Amorim

Juliana Rodrigues

Suellen Andrade

Táscia Souza

Sonotécnica

Iluminotécnica

Cartaz

Figurino

Cenário, iluminação,

Trilha sonora e direção

Volpone

Mosca

Voltore

Comediante e Corbaccio

Comediante e Corvino

Célia

Comediante e Lady Let It Be

Comediante e Bonário

Juiz 1

Comediante e Juiz 2

Comediante e Juiz 3

Comediante e Escrivão

Simone Silva / Tiago Vitor

José Eduardo Brum

Jacqueline Glauber

Malu Ribeiro

José Luiz Ribeiro

Apoio: Cássia Borges, Clarice Fernandes, Dalva Salazar, Eliana Tavares, Fernanda Sanglard, Franciane Lúcia, Maria Cecília Barbosa, Olinda Sixel, Roberta Tonelli, Roberto Alexandre, Sheila de Oliveira, Tatianna Guimarães, Vanessa Rocha, Virgínia Fonseca e Waldete Belcavelo.

OUTROS ESPETÁCULOS

Cancioneiro de Lampião	Nerthan Macedo
O urso	Tchekov
Bodas de Sangue	Garcia Lorca
Electra	Sófocles
Diário de um louco	Nicolai Gogol
Pequenos burgueses	Máximo Gorki
A visita da velha senhora	Dürrenmatt
Escola de mulheres	Molière
Escorial	Ghelderode
Romanceiro da Inconfidência	Cecilia Meireles
Maria Stuart	Schiller
A morta	Oswald de Andrade
O patinho torto	Coelho Netto
Yerma	Garcia Lorca
Seis personagens em busca de autor	Pirandello
As criadas	Jean Genet
Arlequim servidor de dois amos	Carlo Goldoni
Calígula	Albert Camus
Guerra mais ou menos santa	Mário Brasini
Pedreira das almas	Jorge Andrade
Só o faraó tem alma	Silveira Sampaio
O beijo no asfalto	Nelson Rodrigues
Mas que papel, seu bacharel!	José Luiz Ribeiro
O estado de sítio	Albert Camus
Boca do inferno	Marcus Vinícius
A mandrágora	Maquiavel
O rei da vela	Oswald de Andrade
Como se fazia um deputado	França Júnior
Dr. Getúlio, sua vida e sua glória	Dias Gomes/F. Gullar
O jardim das cerejeiras	Tchekhov
Esta noite se improvisa	Pirandello
O inspetor geral	Nicolai Gogol

Fausto	Goethe
Girança	José Luiz Ribeiro
A casa de Bernarda Alba	Garcia Lorca
Grito mudo	José Luiz Ribeiro
As aventuras do tio Patinhas	Augusto Boal
A aurora da minha vida	Naum Alves de Souza
Canga	José Luiz Ribeiro
O mercador de Veneza	William Shakespeare
O santo milagroso	Lauro César Muniz
Rasto atrás	Jorge Andrade
Era sempre primeiro de abril	José Luiz Ribeiro
Todomundo	José Luiz Ribeiro
Édipo-Rei	Sófocles
O burguês fidalgo	Molière
Vereda da salvação	Jorge Andrade
Il teatro comico	Carlo Goldoni
Como se come um homem	S. Mrozek
A torre em concurso	J. Manuel de Macedo
O homem e o cavalo	Oswald de Andrade
A escada de Jacó	José Luiz Ribeiro
Cervantina	Miguel de Cervantes
O devoto	José Luiz Ribeiro
O príncipe rufião	José Luiz Ribeiro
Viva a Nau Catarineta	Altimar Pimentel
Os ossos do barão	Jorge Andrade
Girança (II)	José Luiz Ribeiro
O último portal	José Luiz Ribeiro
Botanágua	José Luiz Ribeiro
A trupe da Paz	José Luiz Ribeiro
Senhora na Boca do Lixo	Jorge Andrade
Zé das Cova e Dona Morte	José Luiz Ribeiro
O Círculo de Giz	Brecht/ Ribeiro
O canto do cisne	Anton Tchekhov
A Fábula do Destino	José Luiz Ribeiro
Visitando Volpone	José Luiz Ribeiro

AGRADECIMENTOS:

Reitora da UFJF:

Prof.ª. Dr.ª. Maria Margarida Martins Salomão

Funcionários e bolsistas do Forum da Cultura

**Aos que, durante esses 39 anos, perceberam que
o teatro é expressão de cidadania e de resistência**

**Aos profissionais dos meios de comunicação que
acreditam que**

“Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro”

García Lorca